

Trump diz que pode atacar qualquer país que envie drogas aos EUA

Presidente americano diz que seu problema não é com a Venezuela, mas com o tráfico

Por Victor Lacombe (Folhapress)

O presidente Donald Trump disse nesta terça-feira (2) que qualquer país que envie drogas aos Estados Unidos está sujeito a ataques das Forças Armadas americanas, não apenas a Venezuela. A fala vem em meio à campanha militar dos EUA nas águas da América Latina, ação com o objetivo explícito de combater o tráfico de drogas na região e o implícito de pressionar o ditador Nicolás Maduro a deixar o poder.

"Se eles [traficantes] vierem de certo país, ou de qualquer país, ou se nós acharmos que eles estão construindo locais de produção de cocaína ou fentanil, como a Colômbia, que faz muita cocaína... e nós gostamos muito disso", disse Trump, em tom irônico. "De qualquer forma, qualquer um que faça isso e venda no nosso país está sujeito a ataques."

Em seguida, um repórter pergunta para Trump: "Não necessariamente só a Venezuela?", ao que o presidente responde: "Não só a Venezuela. A Venezuela tem sido muito ruim para nós, mandaram assassinos para nosso país, esvaziaram suas cadeias no nosso país", afirmou, em referência ao fluxo migratório de venezuelanos em direção aos EUA.

Antes disso, o republicano disse que pretende ordenar ataques contra traficantes "onde eles moram" muito em breve, aumentando a especulação de que os EUA podem bombardear território venezuelano diretamente - o equivalente a uma declaração de guerra.

Ao longo da conversa com a imprensa em Washington,



Donald Trump desvia foco da Venezuela e põe o tráfico de drogas como justificativa

Trump buscou ainda proteger seu secretário de Defesa, Pete Hegseth. O chefe do Pentágono está sob intensa pressão depois das revelações de que teria dado a ordem de "matar todos" em um dos ataques no Caribe contra embarcações que os EUA afirmam, sem apresentar provas concretas, se tratarem de barcos carregando drogas.

Uma ordem do tipo seria um crime de guerra, uma vez que o direito internacional não considera legítimos ataques contra combatentes que não representam perigo iminente - a menos que haja uma situação de guerra declarada, o que não é o caso. Para se proteger juridica-

mente, o governo Trump classificou grupos narcotraficantes da América Latina de terroristas, argumentando que pode agir contra eles da mesma forma que os EUA agem contra grupos radicais no Oriente Médio.

Hegseth disse não se lembrar de ter visto sobreviventes no incidente em questão, em setembro, contrariando reportagem do jornal The Washington Post de que houve um segundo bombardeio com o objetivo de matar todos os ocupantes do barco. O secretário afirmou ter dado a ordem de eliminar os supostos traficantes, mas deixado o resto da operação a cargo de almirantes da Marinha.

Ao mesmo tempo, o chefe do

Pentágono defendeu "todas as decisões tomadas" por comandantes militares americanos, dizendo que, na "névoa da guerra", nem sempre todas as informações estão disponíveis - mas que eliminar os barcos é a decisão acertada.

"Vocês na imprensa, em suas salas climatizadas em Washington, não têm como entender isso", disse Hegseth. "Vocês inventam histórias falsas no Washington Post de que eu mandei matar todo mundo, matérias sem base alguma na realidade, e aí querem fazer falas irresponsáveis sobre esses heróis americanos."

"Cerca de 20 milhões de pessoas invadiram nosso país nos últimos quatro anos, e ninguém sabe de

onde elas vêm", prosseguiu Hegseth, citando a gestão Joe Biden em tentativa de justificar a campanha militar americana no Caribe. "Eles trazem drogas e envenenam, de forma intencional, nosso povo, matando centenas de milhares de americanos."

"Então o presidente teve a coragem de classificar essas facções de organizações terroristas", afirmou o secretário. "Muitos de nós servimos no Exército e lutamos contra terroristas como a Al Qaeda e o Estado Islâmico. Como você trata grupos assim? Você dá um tapinha na cabeça e diz: 'que isso não se repita'? Ou você elimina o problema diretamente por meio de um ataque cinético letal?"

Sob Trump, os EUA promovem sua maior mobilização militar na América Latina em décadas. Mais de 80 pessoas já foram mortas em ataques contra barcos no Caribe e no Oceano Pacífico, e a possibilidade de um conflito militar com a Venezuela cresce a cada dia que Washington investe mais recursos militares na ofensiva, segundo especialistas.

Ao final da conversa com jornalistas, Trump emendou um ataque a imigrantes da Somália que vivem nos EUA. Dizendo que a deputada democrata Ilhan Omar, nascida no país do leste da África, "odeia os EUA", o presidente americano afirmou: "Os somalis não contribuem em nada para o nosso país. Eu não quero eles aqui. Existe uma razão para o país deles ser a porcaria que é. O país deles fede."

Se Europa quer guerra, estamos prontos agora, afirma presidente russo Vladimir Putin

Pouco antes de se encontrar com os enviados de Donald Trump para discutir uma saída para o conflito que iniciou em 2022 na Ucrânia, o presidente Vladimir Putin voltou suas baterias para os aliados de Kiev no continente europeu. "Se a Europa quiser lutar conosco de repente, estamos prontos agora mesmo", afirmou.

O líder russo falava a jornalistas e a uma plateia de empresários num evento em Moscou, enquanto o negociador Steve Witkoff e o genro de Trump Jared Kushner esperavam para encontrá-lo no Kremlin.

Putin ainda disse que os europeus seriam derrotados e "não sobraria ninguém" para negociar uma eventual paz. Os comentários foram feitos a um repórter que o questionou acerca de uma fala do chanceler

húngaro sobre o risco de um conflito com Moscou.

O presidente também se queixava das mudanças sugeridas pelos europeus no plano de paz que havia sido desenhado por Witkoff e o negociador russo Kirill Dmitriev, que era francamente favorável ao Kremlin, apesar de o presidente ter negado sua paternidade.

Entre elas estavam deixar em aberto a possibilidade da entrada da Ucrânia na aliança ocidental Otan e o não reconhecimento internacional dos cerca de 20% do território ucraniano que Putin ocupa.

As demandas, disse, são "absolutamente inaceitáveis" e visam sabotar as negociações. Ele voltou a dizer que a Rússia não quer entrar em conflito com a Europa, mas mudou o tom ao dizer que



Putin mandou recado para o resto da Europa

está pronto para isso.

Com isso, aumenta a pressão sobre os aliados de Kiev, buscando alinhamento direto com Trump e buscando pintar a Europa como

adversária de ambos. Na visão russa, os europeus querem a continuidade da guerra para minar Moscou, o que por óbvio eles negam.

O discurso belicista europeu vem crescendo desde que Putin atacou a Ucrânia, com um movimento de rearmamento em curso. O problema disso é o tempo, dado que até aqui a Europa contava com o que considerava proteção automática dos Estados Unidos, algo que o republicano não parece disposto a fornecer.

Com isso, diversos governos europeus já preveem algum tipo de conflito, senão uma guerra aberta, com a Rússia até 2030. Na elite moscovita, isso é visto por alguns como algo que pode acontecer antes do fim do mandato de Trump, em janeiro de 2029.

Putin está revigorido pelo anúncio feito na véspera da mais importante vitória militar em quase dois anos, a tomada de Pokrovsk, centro logístico das forças de Kiev na região de Donetsk, joia da coroa da lista de desejos territoriais do russo.

Zelenski insinuou que a conquista e outros avanços importantes, como a ocupação de Vovtchansk (norte), eram exageros. Mais tarde, seu Estado-Maior afirmou que as derrotas "não correspondiam à realidade" e o comando local ucraniano em Donetsk disse que ainda lutava em áreas no norte de Pokrovsk.

O chefe do Kremlin, por sua vez, disse nesta terça que o seu Exército "estava em total controle" do local.

Por Igor Gielow (Folhapress)